

A SUBJETIVIDADE INFANTIL EM TEMPOS DE PANDEMIA

Arabela Campos Oliven¹

I Parte

Durante a pandemia do Covid19, escolas fecharam e crianças foram privadas de conviver com seus colegas e pessoas queridas. Em muitos lugares, impedidas de frequentar parques e festas.

Imagens de TV e conversas de adultos circulavam com informações de que estamos em “guerra” contra um “inimigo invisível” e que as crianças são importantes transmissores do vírus: elas podem estar contaminadas sem apresentar sintomas e não têm noção de distanciamento social.

Como crianças processam essas informações?

Gostaria de compartilhar uma experiência.

Tenho dois sobrinhos-netos de 3 e 5 anos.



Figura 1 – Frederico e Camilo

Fonte: Da autora (2020)

¹ Doutora em Sociologia pela Universidade de Londres. Professora Titular aposentada de Sociologia da Educação e pesquisadora vinculada à Faculdade de Educação e ao Grupo de Estudos sobre Universidade da UFRGS. arabelaoliven@gmail.com.

Com a quarentena tive que mudar a forma de me relacionar com eles.

No WhatsApp escrevi:

“Meus queridos, Frederico e Camilo,
Gostaria que vocês adivinhassem:
Ontem o tio Ruben chorou muito.
Não foi de alegria, nem de tristeza ou dor.
Adivinhem qual a razão.
Fiz fotos para comprovar, que depois eu envio.”

Eles responderam, em áudio, as possíveis causas do choro:

Felicidade, saudade e morte.

Eu, então, me dei conta que a felicidade de estar em casa numa convivência mais íntima com os pais, se mescla com o sentimento de saudade de estar privado do contato com outras pessoas das quais sentem falta e da confusão que é entender o significado da morte, quando se vê imagens em que faltam caixões para tantos mortos.

Enviei a eles a foto que prometera.

Eles ficaram decepcionados por não terem acertado.

Respondi,

“Vocês não podiam mesmo adivinhar que o tio Ruben, num domingo ensolarado, estaria em casa **descascando cebolas**.
Mas quando eu enviei uma foto, vocês logo se deram conta.
Eu adorei as respostas de vocês.
A gente chora, sim, de felicidade, de saudade e de medo que alguma coisa ruim possa nos acontecer.
Mas como diz o ditado:
Não há bem que sempre dure e não há mal que não acabe.
A gente pode chorar de alegria e de tristeza e inclusive ao descascar cebola.
O tio Ruben e eu estamos em quarentena e nos cuidando. Ele tem trabalhado bastante.
Outro desafio para vocês.
Imaginem o que ele tem feito em casa.
Eu mandarei vídeos. Bjs”

II Parte

Esse diálogo *on line* entre gerações me fez pensar sobre o tempo excepcional em que vivemos e na próxima etapa em que o isolamento dará lugar ao distanciamento social.

O isolamento social se caracteriza, principalmente, por uma narrativa e uma prática de sobrevivência coletiva, que nos sinaliza que é importante que nos cuidemos para nos mantermos vivos. Apesar do luto por tantas vidas perdidas nós, os sobreviventes, estamos no mesmo barco, embora em condições muito desiguais que a pandemia tem escancarado. Nessa etapa, no entanto, a realidade se mostra mais inclusiva e solidária.

O discurso enaltece o trabalho de cuidado dos profissionais da saúde, dá nome e nos apresenta os feitos e sonhos daqueles que nos deixaram. Sociedade civil e segmentos do setor privado organizam mutirões de ajuda aos mais necessitados. Governo distribui auxílio a milhões de “invisíveis”: aqueles que trabalham no setor informal em condições extremamente precárias e os pobres que perderam emprego ou tiveram que fechar seus empreendimentos.

Com o distanciamento social e os problemas econômicos que a pandemia está causando, esse discurso e a prática possivelmente darão lugar a uma realidade de sobrevivência competitiva, do salve-se quem puder e em certos casos ao sentimento de que antes nos sentíamos mais protegidos e irmanados.

Crianças e indivíduos dos grupos de risco têm no isolamento social algo em comum. Meio ano na vida de uma criança de até 5 anos é muito, considerando o tempo que viveu. Meio ano na vida de quem já passou dos 60 e se sente ameaçado por uma doença para a qual não há vacina nem remédio específico de eficiência comprovada, também, é muito.

Adultos jovens estão a meio caminho de um extremo e outro. Têm mais condições de entender o que está se passando e não se sentem tão ameaçados com a doença. Em termos probabilísticos, sua expectativa de vida é, relativamente, alta. Seus desafios são grandes, porém diferentes: como enfrentar o medo do desemprego ou da perda do poder aquisitivo; como adaptar-se às rápidas mudanças no desempenho de suas funções e às novas exigências do mercado de trabalho? Além de tudo, tomar conta de filhos e apoiar familiares idosos.

Neste contexto complexo, como será o retorno à escola de crianças em idade pré-escolar?

A pré-escola pode ser definida como lugar de sociabilidade, do aprender brincando, espaço lúdico por natureza. Ela é inclusiva e diversa, uma extensão da família onde se confraterniza com outras crianças. Um lugar pouco formal que estimula a espontaneidade.

Com os atuais protocolos de distanciamento social, a escola assume características diferentes. O ritual de higienizar mochilas ao chegar lembra quase uma prisão em que a entrada de pessoas com seus pertences deve passar por inspeção. O uso de máscaras se aproxima mais do ambiente hospitalar do que do familiar.

Como entender, principalmente na nossa cultura, que o abraço, o beijo, o toque, o aperto de mão estão proscritos? Além disso, até que ponto o receio dos pais de deixar seus filhos em lugares públicos não é captado pelas crianças?

O grande desafio é como compreender a nova subjetividade infantil e inclusive aprender com ela.

As crianças procuram dar significado ao que ouvem, só que o que elas entendem nem sempre coincide com o que queríamos dizer. Essa ponte se tornou mais longa com a pandemia, o isolamento e as novas regras do distanciamento social. É preciso grande sensibilidade para decifrar o que se passa na mente infantil.

Trago um exemplo para ilustrar o que quero dizer sobre a subjetividade infantil.

Meu filho, quando tinha 4 anos, foi a uma festa de aniversário de um colega onde deram como lembrança para todas as crianças convidadas um pintinho amarelinho vivo. Ao chegar em casa ele ligou para a avó e contou a grande novidade. Ela disse que estava muito feliz com o novo membro da família e queria dar um presente. Pediu ao neto para escolher o que ele quisesse e achasse que o bichinho ficaria contente. Eu imaginei que ele fosse escolher uma caixa de Lego, pois era esse o seu brinquedo preferido na época. Talvez, até construísse uma casinha para o novo hóspede. Cheguei a mostrar um catálogo, mas vi que a minha sugestão não o atraiu. Ele estava pensativo. Logo depois seu rosto se iluminou e, então, me disse.

“Eu já sei o que vou pedir”.
Curiosa perguntei “O quê?”
A resposta foi “Uma galinha”.
Eu, no momento, não entendi. Vendo a minha surpresa, comentou:
“Ele é muito pequenininho, precisa de mãe.”

Fomos, então, ao mercado e ele escolheu uma linda galinha e nos convenceu a comprar um galo, para que a família ficasse completa.

Como tínhamos um pátio grande, construimos um galinheiro e pouco depois nasceu uma bela ninhada de pintinhos de todas as cores.

Essa história real me fez pensar que, durante a pandemia, certas crianças tímidas e com dificuldade de relacionamento social sentem-se mais confortáveis em casa e que possivelmente se sintam temerosas de voltar às aulas.

Professores terão o desafio de lidar com muitas crianças e suas diferentes experiências e necessidades. A empatia dos adultos tende a ser mais racional e a das crianças mais intuitiva.

Talvez, face a esse tempo excepcional que vivemos, a subjetividade infantil nos ajude a abrir nossos olhos e o coração.

